

**O que é ser mulher?**

**O que é ser homem?**

## **Subsídios para uma discussão das relações de gênero**

*Miriam da Silva Pacheco Nobre*

*Nalu Faria Silva*

O que é ser mulher? O que é ser homem? Duas perguntas aparentemente simples nos introduzem nos caminhos que o vídeo pretende percorrer.

As pessoas nascem bebês machos e fêmeas e são criadas e educadas conforme o que a sociedade define como próprio de homem e mulher. Os adultos educam as crianças marcando diferenças bem concretas entre meninas e meninos. A educação diferenciada dá bola e caminhãozinho para os meninos e boneca e fogãozinho para as meninas, exige formas diferentes de vestir, conta estórias em que os papéis dos personagens homens e mulheres são sempre muito diferentes. Outras diferenças aparecem de maneira mais sutil, por aspectos menos visíveis, como atitudes, jeito de falar, pela aproximação com o corpo.

Educados assim, meninas e meninos, adquirem características e atribuições correspondentes ao que se considera como papéis masculinos e femininos. As crianças são levadas a se identificar com modelos do que é feminino e masculino para melhor desempenhar os papéis correspondentes. Os papéis atribuídos às mulheres não são só diferentes aos do homem, eles são desvalorizados. Por isto, as mulheres vivem em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens. Para deixar bem claro que as desigualdades entre homens e mulheres são construídas pela sociedade e não determinadas pela diferença biológica entre os sexos usamos as expressões identidades de gênero e relações de gênero.

O papel feminino tradicional estabelece a maternidade como principal atribuição das mulheres e,

com isso o cuidado da casa e dos filhos, a tarefa de guardiã do afeto e da moral na família. Ela é uma pessoa que deve sentir-se realizada em casa. O homem típico é considerado o provedor, isto é, o que trabalha fora, traz o sustento da família, realiza-se fora de casa, no espaço público. Para uma mulher, ainda é considerado mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal, frágil, dengosa, e para o homem o que ainda se espera é que tenha força, iniciativa, objetividade, racionalidade.

Esse modelo de vida em que os homens trabalham fora e as mulheres só fazem o trabalho doméstico, nunca existiu de verdade, desse jeito. Na realidade, só uma parcela muito pequena de mulheres vive essa situação.

As mulheres negras, por exemplo, sempre trabalharam fora de casa, primeiro como escravas e depois na prestação de serviços domésticos ou como vendedoras ambulantes, circulando por muitos espaços públicos. Para as mulheres camponesas, o que é chamado de cuidar da casa esconde o trabalho na roça, a produção de artesanato, o cultivo da horta e a criação de animais, trabalho que produz mercadorias cuja venda contribui para o sustento da família. Além disso, nas cidades, muitas mulheres vivem sozinhas com seus

filhos e são as principais responsáveis por sua manutenção. E muitas, muitas outras trabalham fora e dividem com o marido o sustento da casa.

E por que ainda é tão forte a idéia de que mulher deve seguir o modelo de mãe e dona-de-casa? E por que ainda é tão forte a idéia de que o trabalho fora de casa cabe apenas ao homem? A persistência nessas idéias tradicionais e nunca realizadas plenamente costuma ser justificada pela idéia de que esses papéis são naturais, isto é, homens e mulheres já nascem para ser desse jeito. Dizemos que a naturalização é o principal mecanismo de justificativa desta situação.

A naturalização dos papéis faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, desnaturalizar e compreender os mecanismos que conformam estes papéis é fundamental para compreender as relações entre homens e mulheres e também para compreender seu papel na construção do conjunto das relações sociais.

Se os papéis femininos e masculinos são uma construção histórica, as relações entre homens e mulheres que decorrem daí também variam ao longo da história. A nossa geração sabe que essas relações sofreram profundas mudanças nos últimos trinta anos, em grande parte como fruto da ação organizada das mulheres e do feminismo.

No entanto, olhando ao redor em 1995 ainda podemos ver uma divisão de papéis entre mulheres e homens que se manifesta em muitos aspectos da nossa vida. Como veremos, essa divisão provoca rígidas especialidades e limita o potencial criativo que cada ser humano possui.

## **Divisão sexual do trabalho**

A definição de papéis sociais distintos para homens e mulheres é sustentada por uma rígida divisão sexual do trabalho. O papel masculino idealizado é de responsabilidade pela subsistência econômica da família e a isso corresponde designar o trabalho do homem na produção. Para as mulheres, a atribuição do trabalho doméstico designa as mulheres para o trabalho na reprodução: ter filhos, criá-los, cuidar da sobrevivência de todos no cotidiano.

O que se observa é que essa divisão entre trabalho reproduzido e

produzido não é tão real assim. Há homens trabalhando no campo da reprodução e há muitas mulheres na produção.

No entanto, o mito que designa um tipo de trabalho para cada gênero influencia o real. Pode-se dizer que a divisão sexual do trabalho perpassa o conjunto das atividades realizadas por homens e mulheres. É comum ouvir dizer que tal serviço é trabalho "de homem" ou que tal tarefa é tarefa "de mulher".

No caso das mulheres, a tentativa é sempre de considerar o trabalho realizado fora de casa como uma extensão do seu papel de mãe. As mulheres se concentram em atividades consideradas tipicamente femininas como serviço doméstico, professoras, enfermeiras, assistentes sociais. Em 1990, 30% das mulheres que se declararam como trabalhadoras na pesquisa do IBGE eram empregadas domésticas, costureiras e professoras primárias.

A maioria das professoras dá aulas para o primário, já são menos as que trabalham no nível secundário e muito poucas as da universidade. Quando estão na universidade, elas se concentram em determinadas áreas, como educação e psicologia, e têm menos acesso a promoção, a títulos, etc. Este exemplo mostra que, mesmo dentro de uma determinada categoria, formas de divisão sexual

são recriadas. Um outro exemplo: as mulheres são minoria entre os escritores literários, mas a maioria das mulheres escritoras são autoras de literatura infantil.

Na indústria, as mulheres são embaladoras, montadoras, costureiras, funções que exigem habilidade manual, coordenação motora fina, paciência. As habilidades para exercer estas profissões foram sendo desenvolvidas no processo de educação das meninas: brincando de casinha, cuidando dos irmãos, bordando, ajudando a mãe no trabalho doméstico. As pessoas “esquecem” que as meninas precisam treinar para aprender tudo isso e agem como se toda mulher já nascesse com essas “aptidões”, como se fosse uma dádiva da natureza. Se é dádiva da natureza não precisa ser reconhecida, nem devidamente remunerada. Porém, se os homens fossem ser treinados para realizar estas tarefas seria necessário um grande investimento.

O trabalho das rurais também é menos valorizado que o dos homens. A pesquisadora, Maria Inês Paulilo, comparando as etapas do trabalho agrícola na cana-de-açúcar, em diferentes regiões do nordeste, pôde perceber uma diferença significativa. Carpir, no sertão nordestino, era uma tarefa dos homens e era considerado um trabalho pesado. Carpir, no Brejo

Paraibano, era tarefa das mulheres e era considerado trabalho leve. Portanto, no cultivo da cana o que caracterizava um trabalho como leve ou pesado não era a força física necessária para executá-lo, mas o valor social de quem o fazia. Sempre que o trabalho é considerado de mulher, ele é leve, é coisinha à toa, é ajuda.

## Desigualdade e pobreza

Como os homens é que são considerados os provedores da família, o trabalho profissional das mulheres é sempre visto como complementar às suas “responsabilidades” domésticas, estas sim suas verdadeiras ocupações. A partir dessa idéia surgem várias consequências negativas para as mulheres. A primeira é a de que os salários delas podem ser baixos, já que o que elas ganham é visto como suplementar. Quem não se lembra do Maluf dizer que o problema das professoras de São Paulo não era o salário baixo, mas serem mal casadas?

Em segundo lugar, serviços de apoio como creche, abrigos para idosos, lavanderias coletivas. Os postos de saúde e as escolas têm horários restritos, como se todas as mães estivessem o tempo todo em

casa, à disposição da família, prontas para levar crianças e outras pessoas à escola e ao médico. Desta forma, muitas mulheres “optam” por ocupações em que há maior flexibilidade de horários: elas “escolhem” trabalhos em tempo parcial ou no mercado informal, “belas escolhas” que não garantem direitos trabalhistas e oferecem poucas perspectivas de crescimento profissional.

O resultado disso é uma enorme desigualdade na distribuição dos recursos e do poder na sociedade, entre homens e mulheres. Segundo a ONU, as mulheres executam 2/3 do trabalho realizado pela humanidade, recebem 1/3 dos salários e são proprietárias de 1% dos bens imóveis. Dos quase 1,3 bilhões de miseráveis do mundo, 70% são mulheres.

No Brasil, as mulheres recebem em média metade do salário dos homens, e as mulheres negras, a metade das mulheres brancas. Apesar das mulheres serem 52% do eleitorado brasileiro, nas eleições de 94 só 7% dos candidatos inscritos eram mulheres.

Para a Organização Internacional do Trabalho, a situação das mulheres está melhorando e, se o ritmo atual se mantiver, em 475 anos conseguiremos a igualdade entre homens e mulheres!

## Sexualidade

As mulheres em geral têm vivido sua sexualidade de acordo com os padrões impostos como os mais corretos, considerando o papel social de esposas “honestas” e mães dedicadas que lhes é destinado. Uma das formas de definir esse papel passou pelo estabelecimento de um duplo padrão do que é ou não correto em relação à sexualidade.

Para os homens, a idéia da virilidade é sinônimo de muitas relações sexuais, de preferência com muitas mulheres diferentes. As mulheres, ao contrário, devem viver a sexualidade em função da reprodução, negando o prazer. A repressão à sexualidade feminina em boa parte se dá pelo desconhecimento do corpo e pela imposição de regras rígidas do que significa ser uma mulher “honesta”.

Mas há aí uma contradição, pois nem todas as mulheres podem ser “honestas”. Se os homens precisam de mulheres “honestas” para o casamento e os filhos, têm que existir as “outras”, para o livre desfrute da sexualidade sem responsabilidade, só para o prazer. Nesse caso também se estabelece um duplo padrão de comportamento sexual para as mulheres: o que uma mulher livre faz, uma esposa não pode fazer nem desejar. Claro que esse duplo padrão

se estabelece sempre em função do desejo dos homens.

## Heterossexualidade obrigatória

Apesar da permissão para o sexo sem responsabilidade dos homens, a sexualidade aparece como parte da “natureza humana” vinculada à reprodução, o que leva a considerar as relações heterossexuais como a única maneira correta de viver a sexualidade. Desta forma, a homossexualidade e a bissexualidade são consideradas como desvios e, historicamente, há a tentativa da ciência de provar que essas outras orientações não são “normais” e que ocorrem por algum problema biológico ou por problemas psicológicos.

As crianças desde muito cedo são levadas a incorporar os símbolos da heterossexualidade e estes aparecem vinculados ao casamento e à família. No entanto, é visível que as crianças vivem sua sexualidade a partir do interesse de explorar seu corpo e o das outras crianças e, claro, desfrutando das sensações de prazer que encontram.

Desde cedo aparecem os mecanismos de repressão diretos ou sutis, vinculando a sexualidade ao namoro (com alguém do sexo oposto) e ao casamento, essa segunda parte “só

quando crescer”. As estórias dos contos de fadas com seus príncipes corajosos, suas princesas lindas e meigas, envolvidos por um fulminante amor eterno, são talvez o simbolismo mais forte dessa educação.

Ainda hoje se tenta conformar a sexualidade feminina ao papel subordinado que é destinado às mulheres. Ou seja, as regras para a sexualidade feminina são quase as mesmas de um século atrás, mantém-se a dupla possibilidade de virtuosas e não-virtuosas, sendo que a fronteira entre essas duas expressões é bastante tênue. Ambas se referem a como as mulheres se manifestam: se expressam seus desejos, ou se aceitam os padrões impostos de mulheres “honestas”.

## Violência

A violência contra as mulheres expressa a demonstração de poder dos homens e a idéia de que as mulheres são objeto de posse. É uma forma de reproduzir e manter o machismo e de dizer o tempo todo que a mulher é inferior.

Esse tipo de violência se manifesta de muitas maneiras: espancamento, insultos, ameaças, estupros, assédio, assassinatos, mas também em formas sutis de desqualificação

das mulheres, como quando alguém diz que uma mulher é boa profissional, “apesar de ser mulher”.

E o que é que contribui para manter a violência contra as mulheres? A impunidade dos agressores, a transformação da vítima em ré ( a mulher é sempre a culpada, é quem provocou, é quem fez por onde), o silêncio das mulheres agredidas, as idéias sobre a inferioridade das mulheres. Antes de existirem as delegacias de defesa da mulher, as mulheres tinham muito receio de denunciar as agressões, porque depois de apanharem em casa muitas vezes eram humilhadas e recebiam novas agressões nas delegacias.

A violência impune humilha as mulheres e destrói seu amor-próprio. É comum os homens iniciarem suas agressões quando as mulheres estão com pouco amor-próprio e não se sentem capazes de reagir. Então, a atitude que pode parecer um consentimento com a situação de violência revela uma relação de dependência, uma relação em que estão presentes mecanismos de coerção.

A dependência, os sentimentos de desvalorização e de culpa acabam fazendo com que a mulher acredite que não há saída, ou que a culpa é dela mesma. Em uma relação afetiva esses sentimentos se misturam com a esperança que o homem vai mudar,

ou à idéia, bastante comum nas mulheres, de que ela é responsável e poderá salvá-lo.

Na questão da violência, os movimentos de mulheres têm conseguido alguns avanços, esclarecendo as mulheres sobre seus direitos, oferecendo assistência jurídica, mostrando a importância da denúncia. Um avanço importante foi ter conseguido do poder público a instalação das delegacias de defesa da mulher, em que a mulher tem mais segurança para fazer sua denúncia e procurar o apoio da lei para se livrar da violência e obter a punição do agressor.

## Família

A sociedade estabelece um modelo padrão de família, no qual se espera que todas as pessoas se enquadrem. O modelo considerado ideal de família em nossa sociedade é chamado mononuclear, ou seja, constituído por um núcleo formado pelo pai, pela mãe e pelas filhas ou filhos, de preferência poucos, melhor ainda se for um casal.

A família é considerada o lugar de socialização das crianças, o lugar onde se criam e se educam. É na família que a criança começa a aprender o que é “ser homem” e o que é “ser mulher”.

A família é apresentada como o lugar do afeto e onde se deve garantir o equilíbrio psicológico das pessoas. As mulheres, chamadas "esteio da família", são consideradas as responsáveis por essa suposta harmonia.

A família também é o lugar onde se dá a reprodução material das pessoas. A renda que cada membro da família traz para casa é organizada para propiciar o consumo de todos.

Na divisão do bem-estar e do conforto dentro da família mais uma vez podemos perceber a desigualdade de gênero. As mulheres geralmente trazem a maior parte dos seus rendimentos para o consumo da família, enquanto que os homens usam parte significativa com seus gastos pessoais. Em algumas situações, ainda se vê na família uma distribuição desigual de recursos, até mesmo de comida: os melhores pedaços vão para os pratos do marido e dos filhos homens.

O trabalho doméstico - cozinhar, cuidar da roupa, limpar a casa, e a socialização das crianças - é essencial para a existência e reprodução das pessoas, para que as pessoas possam descansar e se recompor para irem trabalhar no dia seguinte.

As tarefas chamadas domésticas são realizadas nas casas praticamente quase que só pelas mulheres,

como trabalho não pago, que assim serve para baratear o custo da reprodução da força de trabalho. Basta ver quanto custa a comida pronta e a lavagem da roupa na lavanderia para se começar a ter uma idéia desse barateamento.

## Educação

A escola é um agente socializador dos seres humanos tanto quanto a família: e isto significa que junto com o conhecimento, a escola também transmite valores, atitudes e preconceitos.

Tradicionalmente a escola tem reforçado a desigualdade entre mulheres e homens. Isto ocorre, por exemplo na forma como se lida com meninos e meninas: a divisão nas filas, a divisão de tarefas (meninas como ajudantes da professora), o que a escola reforça em um e no outro ("isto não é coisa de menina" ou "está até parecendo uma menina", "comporte-se como um menino").

Os livros didáticos também reproduzem e reforçam a desigualdade, apresentando estereótipos sobre o que é uma família, como são as mulheres, como vivem as mulheres negras. Nos livros didáticos as famílias são sempre brancas, o pai tem um emprego fora de casa e a mãe aparece sempre de avental servindo a mesa ou costurando. O



menino está sempre brincando de caminhãozinho ou bola e a menina está sempre com uma boneca, olhando o irmãozinho brincar de coisas mais interessantes.

Nos livros de ciências só os meninos aparecem fazendo experiências. Quando de vez em quando aparece uma menina ela está lá atrás, observando, ou é a encarregada de providenciar os materiais para a experiência que os meninos vão fazer. Isso tudo reforça as idéias preconceituosas da sociedade de que as meninas não têm jeito para a ciência, que só homens podem ser cientistas.

Ainda nos livros didáticos, a mulher negra costuma aparecer sozinha, sem família, e no papel da empregada que serve a mesa para a família branca, como se ainda estivessemos no tempo da escravidão.

As atividades na educação física são divididas e reproduzem preconceitos até nas brincadeiras, como aquela que diz "quem chegar por último é mulher do sapo".

A professora na maioria das vezes é tratada como a segunda mãe ou tia. Isso significa não reconhecer sua profissionalização e considerar o ato de educar como extensão do papel de mãe.

Como mães e professoras, as mulheres muitas vezes reproduzem

o machismo e as idéias dominantes na sociedade, que pregam a suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Não podemos nos esquecer que as idéias dominantes na sociedade são dominantes justamente porque estão na cabeça da maioria dos homens e das mulheres também. Essas idéias são repetidas à exaustão na família, na escola, nas igrejas, nos meios de comunicação e não é de estranhar que muitas mulheres se convençam delas.

Mulheres que pesam diferente, principalmente as que se organizam nos movimentos de mulheres, têm que ter muita coragem para expor suas idéias, porque os que pensam como a maioria fazem de tudo para ridicularizá-las e diminuir a importância do que estão dizendo.

## Meios de comunicação

Os meios de comunicação têm se posicionado de maneira contraditória quanto às mulheres. Por outro lado, abrem espaço para uma maior discussão sobre a condição feminina, talvez respondendo a anseios que estão detectando na população. No início dos anos 80, por exemplo, o programa TV Mulher colocava discussões modernas sobre a questão da mulher. Atualmente os meios têm dado alguma cobertura da discussão sobre o aborto. Por outro lado, como

a mídia não defende interesses homogêneos, também trata as mulheres nas propagandas, nas telenovelas, no noticiário, de forma a reforçar seu papel tradicional. Esse é o caso da maioria das propagandas de materiais de limpeza que tem por mote: "como continuar bonita sendo uma boa dona-de-casa".

O tratamento é diferenciado conforme o público que os meios querem atingir. Os programas mais informativos da televisão, por exemplo, são apresentados em horários menos nobres. Nas novelas, que são os programas mais assistidos, trata-se as mulheres de forma muito estereotipada, mesclada com alguns momentos mais críticos. Nos programas de humor, praticamente não há momentos críticos, só repetição das idéias dominantes mesmo: mulher interesseira, loura burra, sogra horrenda.

As revistas femininas, vendidas às centenas de milhares por mês, permanecem em assuntos estereotipados: moda, beleza, decoração, culinária, como cuidar dos filhos e como agarrar, agradar e conservar o homem. São raros os artigos que saem das idéias dominantes. Nas revistas ditas masculinas, o corpo das mulheres é exposto ao desfrute, transformando-as de pessoas em objeto sexual.

As mulheres aparecem muito nas capas das revistas femininas e masculinas, mas quase nunca na primeira página do jornal. As mulheres têm pouco poder político e econômico, mas nem esse pouco aparece na primeira página, reservada aos políticos, esportistas homens, banqueiros, empresários. As poucas mulheres que aparecem na primeira página ganham esse espaço quando morrem, quando vão presas ou quando são motivo de escândalo.

## A organização do movimento de mulheres

O feminismo é um conjunto de idéias e práticas que visam superar as desigualdades entre homens e mulheres e acabar com as situações de opressão e exclusão das mulheres. O feminismo é uma teoria política que tem expressão social desde o fim do século passado.

As mulheres sempre lutaram por sua liberdade e em todas as épocas temos exemplos de mulheres excepcionais, de ações de resistências e de elaboração de tratados e manifestos em defesa da igualdade. No fim do século XIX e no início de nosso século, as mulheres formaram amplas organizações que lutaram e conquistaram o direito à educação, ao voto e ao acesso a determinadas

profissões, como magistério e advocacia.

No fim dos anos 60, uma nova onda de feminismo agitou muitos países. Essa onda chegou ao Brasil, influenciada pelos movimentos feministas da Europa e dos Estados Unidos, mas também como produto do anseio das próprias mulheres brasileiras.

Em nosso país, na década de 70, uma parcela significativa de força de trabalho feminina foi incorporada no comércio, na prestação de serviços e em setores da indústria, de forma inédita no país, pela proporção e rapidez. Apesar de ganharem com isso novas possibilidades de realização, as mulheres entravam no mercado de trabalho em condições subalternas, ganhando menos e não tendo seu trabalho devidamente reconhecido.

Ainda por cima, o país tinha se desenvolvido muito nos anos anteriores, mas o crescimento econômico não tinha sido igual para todos. A miséria persistiu porque a riqueza produzida ficou na mão de poucos. Realidade, aliás, que permanece até hoje, quando o Brasil tem a pior distribuição de renda do mundo.

A retomada do feminismo na década de 70 no Brasil, como um amplo movimento social, junta-se com a reorganização independente

dos trabalhadores e dos movimentos populares. Foram criados diversos grupos feministas em várias cidades do país.

A participação política da mulher nos diversos movimentos sociais avançou, elas eram - e ainda são - a grande maioria dos movimentos populares que se organizavam nos bairros, lutando por melhores condições de vida. As mulheres participavam de diferentes movimentos: clubes de mães organizados pela Igreja, movimento de luta por creche, contra a carestia, movimento feminino pela anistia.

O debate das idéias feministas ganhou espaço na imprensa, o que influenciou um número muito maior de mulheres e aumentou o impacto das reivindicações feministas.

No final dos anos 70, foram realizados encontros de mulheres em vários estados e reuniões nacionais. As trajetórias das mulheres dos setores populares e dos grupos feministas se cruzaram criando um novo sujeito social. Este sujeito organizou-se na procura de uma identidade comum entre as mulheres e na busca da igualdade de oportunidades.

As relações entre o mundo público e o privado foram repensadas e as mulheres transformaram em bandeiras de luta o direito ao corpo

e à livre opção pela maternidade, o fim da violência e a igualdade no mercado de trabalho.

As mulheres conquistaram visibilidade e, por sua ação, costumes começaram a ser transformados. A intensa campanha, para que as mulheres denunciasses a violência de que eram vítimas e pela punição dos culpados modificou o senso comum, ao questionar a defesa da honra como justificativa legítima para assassinato de mulheres. O movimento de luta por creches conquistou as primeiras creches públicas e o cuidado das crianças menores de seis anos passou a fazer parte da agenda das políticas sociais.

Nas eleições estaduais de 1982 apareceram as primeiras propostas de políticas voltadas para as mulheres. Elas foram produto da organização das mulheres no interior de alguns partidos, mas também da compreensão cada vez maior de que as mulheres formam um setor social que não podia mais ser ignorado. Alguns governadores eleitos começaram a desenvolver políticas em relação às mulheres, das quais se destacam as delegacias de defesa da mulher.

Na segunda metade da década de 80, as mulheres articularam e apresentaram propostas para o processo Constituinte, como por exemplo a coleta de trinta mil

assinaturas para a emenda popular de descriminalização do aborto.

## **Ganhos na Constituição de 1988**

Na Constituição, as mulheres conquistaram importantes vitórias, a maternidade foi considerada uma função social, ampliando a licença-maternidade de 90 para 120 dias, criando a licença-paternidade e estendendo o direito à creche aos filhos de trabalhadores de ambos os sexos.

As empregadas domésticas passaram a ter direitos trabalhistas e, alguns anos depois, fruto de muitas lutas, as trabalhadoras rurais conquistaram aposentadoria e salário maternidade.

No campo da saúde e direitos reprodutivos, a Constituição afirma que os casais podem planejar quando e quantos filhos ter e que o Estado deve prover os meios e informações necessárias para isto. Infelizmente, estas e outras conquistas não saíram do papel para muitas brasileiras.

Os Encontros Feministas passaram a ser cada vez maiores e mais representativos, com a participação de mulheres de diferentes setores. A organização das mulheres como setor cresce no interior do movimento sindical, urbano e rural, e do

movimento negro. O movimento de mulheres vai aprendendo que é fundamental contemplar as necessidades e os direitos das diferentes mulheres, conforme sua raça, classe, idade, orientação sexual, condições de vida e de trabalho.

O movimento feminista vai ampliando sua influência e, assim, aumenta sua responsabilidade para a formulação de propostas que pensem a situação das mulheres em contextos mais amplos, sem perder a capacidade de responder a questões específicas. Nesse processo de reflexão foi produzido o conceito de gênero e, posteriormente, sua articulação com os conceitos de classe, raça e etnia. O conceito de gênero foi elaborado por estudiosas da questão da mulher nas universidades e apropriado pelos movimentos como um instrumento de análise e de organização da ação.

## **Conceito de gênero**

O conceito de gênero procura explicar as relações entre mulheres e homens. Ele surgiu após muitos anos de luta feminista e de formulação de várias tentativas de explicações teóricas sobre a opressão das mulheres.

A idéia de que existe uma construção social do ser mulher já estava presente há muitos anos. Mas,

permaneciam dificuldades teóricas sobre a origem da opressão das mulheres, sobre como inserir a visão da opressão das mulheres no conjunto das relações sociais, sobre a relação entre essa e outras opressões, como por exemplo, a relação entre opressão das mulheres e capitalismo. Não existia uma explicação que articulasse os vários planos em que se dá a opressão sobre as mulheres (trabalho, família, sexualidade, poder, identidade) e, principalmente, uma explicação que apontasse com mais clareza os caminhos para a superação dessa opressão.

Nesse sentido, o conceito de gênero veio responder vários desses impasses e permitir analisar tanto as relações de gênero, quanto a construção da identidade de gênero em cada pessoa. O conceito de gênero foi trabalhado inicialmente pela antropologia e psicanálise, situando a construção das relações de gênero na definição das identidades femininas e masculinas, como base para a existência de papéis sociais distintos e hierárquicos (desiguais).

Este conceito coloca claramente o ser mulher e ser homem como uma construção social, a partir do que é estabelecido como feminino e masculino e os papéis sociais destinados a cada um. Por isto, gênero, uma palavra emprestada da gramática, foi escolhida para diferenciar sexo

biológico da construção social do masculino e feminino.

Gênero é um conceito relacional, ou seja, que vê um em relação ao outro e considera que estas relações são de poder e de hierarquia dos homens sobre as mulheres.

Hoje em dia esse conceito é usado praticamente pelo conjunto do feminismo, o que proporcionou um salto coletivo na direção da discussão teórica. Ajudou a romper com as dicotomias antes colocadas: divisões entre específico-geral, público-privado, produção-reprodução, porque busca compreender como as relações de gênero estruturam as práticas sociais nas diversas esferas. Ele permite trabalhar generalizações e particularidades, porque podemos perceber o significado de gênero na sociedade como um todo, assim como na experiência individual ou de um grupo.

## **As contribuições do conceito de gênero**

O conceito de gênero nos trouxe várias contribuições. Vejamos:

### **Gênero, mentiras e videotape**

1. Ao afirmar a construção social dos gêneros, coloca que a construção masculina e feminina não é um

fato biológico, vindo da natureza, mas algo construído historicamente e que, portanto, pode ser modificado.

2. As relações de gênero são hierárquicas e de poder dos homens sobre as mulheres. Essas relações de poder são as primeiras vividas por todas as pessoas e é com elas que começamos a apreender o mundo. Ou seja, a relação das pessoas com o mundo se inicia a partir dessas relações de poder e se reproduz no conjunto da sociedade e das instituições. Sendo assim, modificar essas relações implica em uma nova correlação de forças, construída pela auto-organização das mulheres.
3. As relações de gênero estruturam o conjunto das relações sociais e, portanto, não existe uma oposição entre questão das mulheres (que seria específica) e questão da sociedade (que seria geral). Os mundos do trabalho, da política e da cultura também se organizam conforme a inserção de mulheres e homens, a partir de seus papéis masculinos e femininos. Portanto, não existe uma luta geral e depois uma específica, mas em todas as situações que queremos modificar, temos que considerar a superação das desigualdades entre mulheres e homens.

4. Gênero supera as antigas dicotomias entre produção e reprodução, público e privado e mostra como mulheres e homens estão ao mesmo tempo em todas essas esferas, só que a partir de seu papel masculino e feminino. Por exemplo, os homens também vivem no espaço doméstico e a eles são destinadas tarefas que poderiam ser interpretadas como produtivas, tais como trocar lâmpadas e consertar um móvel quebrado.
5. A análise das relações de gênero só é possível considerando a condição global das pessoas - classe, raça, idade, vida urbana ou rural, e momento histórico em que se dá. Dessa forma, embora existam muitos elementos comuns na vivência e condição das mulheres, nem todas foram criadas para exercerem o mesmo papel, sem nenhuma diferenciação. Por exemplo, em nosso país uma branca rica é ensinada para exercer o seu papel feminino de uma maneira diferente de uma negra pobre, com relação a que tipo de esposa cada uma deve ser, as tarefas de mãe, o cuidado com o corpo e a aparência, as boas maneiras, etc.
6. O conceito de gênero possibilita ver o que há de comum entre as mulheres, porque mostra como

mulheres e homens estão no conjunto da sociedade. Mostra também a forma como cada uma individualmente vive essa condição. Ao explicar a incorporação da identidade masculina e feminina, explica a diferença entre mulheres, porque no caso de duas irmãs, ensinadas igualzinho pela mãe, uma é meiga, a outra agressiva, uma aprendeu a gostar de cozinhar e a outra não.

É possível olhar na história de cada uma, como essa identidade foi incorporada a partir da aquisição das características masculinas e femininas. Ninguém é 100% masculino ou feminino.

Características consideradas do outro gênero estão presentes em todas as pessoas. Só que são valorizadas de forma diferente, conforme o lugar em que cada um está. Por exemplo, nos espaços políticos, tradicionalmente masculino, é comum as mulheres serem cobradas a deixarem um pouco de lado a sua feminilidade e demonstrarem características compatíveis com o modelo estabelecido do que é ser militante, forte e combativa, porque só assim os homens irão considerá-las como "fortes", sem "frescuras" (que é o que se espera na política, segundo a ideologia mais comum).

# Cidadania para as mulheres

## Relação entre homens e mulheres produzem pobreza

A forma como homens e mulheres vivem na sociedade se define pela sua condição de classe, raça e gênero. Chamamos de relações de gênero, as relações entre homens e mulheres, como construção social, cultural e política da condição feminina e masculina. As relações de gênero produzem desigualdades econômicas e sociais, tanto no nível da família, como dos processos sociais locais e nacionais e no contexto das macro políticas.

As diferenças entre homens e mulheres são, em geral, consideradas naturais, biológicas e portanto, não são consideradas nas análises sobre desigualdade e na formulação de propostas de combate às mesmas.

O feminismo deu uma maior visibilidade às relações desiguais entre os gêneros e hoje já é possível contar com dados que permitem esboçar análises mais concretas, tendo como referência o não recon-

hecimento do trabalho das mulheres, a diferença de remuneração e renda e maior dificuldade de acesso das mulheres aos trabalhos remunerados.

## O trabalho das mulheres na reprodução da vida cotidiana

O trabalho não remunerado das mulheres, realizado por donas de casa, trabalhadoras domésticas, no setor informal e agrícola, têm um importante significado econômico. Ainda mais, no atual contexto da crise econômica, onde a diminuição da renda familiar faz com que as mulheres voltem a fazer em casa, coisas que antes podiam ser compradas no mercado. O corte de políticas sociais como saúde, educação, creches, sobrecarregam as mulheres tradicionalmente responsáveis pela família. Assim, as mulheres são a grande maioria dos movimentos que reivindicam melhorias para o bairro e participam ativamente dos mutirões, grupos de compra comunitária e dos projetos de geração de renda.



As mulheres produzem 50% do alimento consumido na América Latina e grande parte deste trabalho está invisível, na forma de trabalho doméstico. As agricultoras, quando não reconhecidas como trabalhadoras, são excluídas dos direitos sociais básicos e dos programas governamentais de apoio a agricultura. Por isso, as mulheres agricultoras têm lutado por visibilidade: declararem a profissão no censo, nos documentos pessoais, o direito à aposentadoria e ao salário maternidade.

## O trabalho das mulheres na produção

A divisão entre o espaço público e o privado faz com que a casa e a família pareçam o natural das mulheres, mesmo que isso não seja de fato uma realidade. As mulheres sempre participam do trabalho produtivo e, nas últimas décadas, diversificaram sua inserção no mercado de trabalho crescendo a participação feminina na população economicamente ativa (PEA). Apesar disso, segundo o Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil, do IBGE, as mulheres brancas recebem, em média, quase a metade do que recebem os homens brancos e as mulheres negras recebem, em média, a metade do que recebem as brancas.

As mulheres ainda recebem menos, porque mesmo proibido por lei, permanecem formas de discriminação direta, onde ao trabalho igual não corresponde igual salário, mas, o mais freqüente são as formas de discriminação indireta.

As mulheres concentram-se em determinadas funções e profissões. São a maioria dos trabalhadores em serviços pessoais e quase a metade dos empregados em escritório. Nas empresas, as mulheres ficam nos postos menos qualificados e não têm acesso ao cargo de chefia.

Se formos olhar a realidade específica da trabalhadora rural, vamos perceber que a sobrecarga é ainda maior. Dados nos mostram que as trabalhadoras rurais gastam 20% a mais de tempo que os homens no trabalho. Além do trabalho todo na roça, elas trabalham em média 6 horas por dia em casa.

80,9% das meninas a partir dos 10 anos acompanham os adultos na roça e em casa, mas detêm apenas 1% das propriedades em seu nome.

Além do trabalho da roça (produção) e da casa (reprodução) fica para as mulheres todo o cuidado com doentes, idosos, deficientes, etc.

Um dado que desafia nossos movimentos de trabalhadoras rurais é que das 18,5 milhões de trabalha-

doras rurais no Brasil apenas 3 milhões tem profissão reconhecida.

As mulheres produzem 45% do alimento do mundo e recebem apenas 10% da renda.

Além da mulher receber menos, permitindo que o sistema tenha maior lucro, a sua discriminação através da dupla jornada, possibilita que o salário do homem, os preços dos produtos não precisam ser melhores. Pois a mulher lava, passa, cozinha, faz faxina, cuida dos filhos... "de graça". Ou seja, se fossemos computar o preço que cobra uma faxineira, uma babá, uma cozinheira (em média R\$ 700,00), veríamos como a mulher está trabalhando de graça para o sistema. Com a submissão da mulher (muitas aceita pela própria mulher) o governo se livra da sua responsabilidade de oportunizar creches, pagar salários ou preços aos produtores que consigam suprir estas necessidades dos seres humanos.

Além do lucro que a discriminação das mulheres propiciam ao sistema, ela cria os filhos de graça, para serem muito cedo, mão de obra barata para o sistema explorar.

É nesse sentido que nós mulheres nos referimos quando falamos que essas diferenças não são consideradas nas análises sobre desigualdades e na formulação de combate às mesmas.

## **As qualificações femininas não são reconhecidas**

As mulheres possuem qualificações que não são reconhecidas e devidamente remuneradas. Elas têm habilidade manual, destreza, paciência que são capacidades adquiridas no trabalho doméstico. Como não são aprendidas pela educação formal, os patrões têm legitimidade social para negá-las e, as mulheres não as percebem como um aprendizado coletivo.

Mesmo a instrução formal não tem significado igualdade de condições com os homens.

As mulheres se utilizam de uma super escolarização para conseguir algum nível de competitividade, a experiência profissional das mulheres também é ignorada. É comum que mulheres comecem como ajudantes em um emprego, mesmo que tenham tido uma especialidade no trabalho anterior.

As novas tecnologias ao diminuírem a necessidade de força física, teoricamente diminuíram as desigualdades entre os gêneros, mas na verdade, quando as mulheres começam a executar uma tarefa, esta passa a ser desvalorizada, dando a idéia de que o valor do trabalho tem um forte conteúdo cultural é o valor da pessoa e não da tarefa ou de seu produto.

## Mudanças no mercado de trabalho e as mulheres

A precarização das relações de trabalho recaem particularmente sobre as mulheres. Os serviços que primeiro são terceirizados, como limpeza e alimentação, concentram muitas mulheres, que passam a ter contratos de trabalho mais precários. Os trabalhos à domicílio são oferecidos como vantagem para as mulheres que podem conciliar o recebimento de alguma renda com suas "obrigações" domésticas. As mulheres passam a trabalhar isoladas em casa, com menores possibilidades de resistência e de articulação no movimento sindical, diminuem, ainda as chances de divisão do trabalho doméstico com seus companheiros. O mesmo acontece quando as mulheres trabalham em tempo parcial, geralmente com menos direitos sociais.

## Mulheres como cidadãs

O que ocorre é que mesmo no espaço público as mulheres são vistas como em uma extensão da família e seu trabalho sempre como ajuda. No entanto, o salário das mulheres são fundamentais na composição da renda familiar e, existem 7 milhões de famílias que são chefiadas por mulheres, das quais 1/3 vivem abaixo da linha da pobreza.

As mulheres não são reconhecidas como cidadãs, independente de seu lugar na família. A sociedade ainda trata a mulher fundamentalmente por sua função reprodutiva - a maternidade, do ponto de vista biológico e social. A idéia de que as mulheres não podem exercer bem outras funções gera desigualdades. É como se a mulher para ser feliz precisasse ser mãe, cuidar por muito tempo dos filhos, não sendo possível conciliar os dois espaços. Aquelas que conseguem são tratadas como exceção.

## Milhares como objeto de políticas populacionais

As mulheres são objeto de políticas e de desenvolvimento, que apontam como razão da pobreza o fato das mulheres pobres terem muitos filhos. Com esta justificativa, organismos internacionais impõe políticas de controle de natalidade, mediante a indução do uso de alguns métodos anticoncepcionais, especialmente aqueles de efeito prolongado e de baixa interferência da usuária. Nos debates internacionais sobre população, os países pobres têm afirmado que a melhor política de contracepção é o desenvolvimento econômico e social que permite o acesso das mulheres à saúde, educação, alimentação, o que deve ser garantido é o direito de escolha das

mulheres, lhes proporcionando acesso a informação, educação sexual e aos vários métodos anticoncepcionais, chamando a coresponsabilidade dos homens no uso de anticoncepcionais.

## Propostas

As mulheres para serem cidadãs plenas têm que estar no espaço não apenas em função da família. As tarefas domésticas têm que ser readequadas pela prestação de serviços do Estado, especialmente creche e escola em período integral, e pela redivisão dentro da própria família. A maternidade tem que ser reconhecida como questão social. Garantir os direitos reprodutivos das mulheres mediante serviços de saúde de qualidade que dêem apoio à anticoncepção.

Em relação a participação da mulher no mundo do trabalho têm importância todas as iniciativas gerais que fortalecem regras de funcionamento para o mercado de trabalho, como contrato coletivo e fiscalização dos direitos trabalhistas. Para gerar novos empregos de qualidade é fundamental a redução da jornada de trabalho sem redução de salários para trabalhadores e trabalhadoras. Para quebrar os mecanismos de segregação das mulheres, devemos garantir a não discriminação no acesso à determina-

das funções, o acesso das mulheres à variedade de cursos profissionalizantes e ao conjunto das habilidades existentes, para permitir igualdade de oportunidades e como contrapartida garantir a entrada de homens em profissões hoje consideradas femininas. É necessário também garantir às trabalhadoras rurais e micro empresárias acesso a créditos de custeio e investimento.

Os programas de desenvolvimento e políticas de combate à pobreza e geração de renda e emprego, devem considerar a “redução do volume de trabalho cotidiano das mulheres, o reequilíbrio das responsabilidades entre homens e mulheres (dentro e fora de casa), os serviços básicos de apoio à reprodução social e a equalização das oportunidades de gênero”. Como primeira medida, desenvolver programas especiais de renda e emprego para as mulheres chefes de família, por exemplo, com a definição de prioridades dentro do programa de renda mínima, proposto pelo Senador Suplicy.

Para garantir de todos estes pontos, as mulheres têm que ter acesso ao poder. Portanto é fundamental o fortalecimento da democracia, das formas de organização da sociedade civil de participação popular, espaços no qual as mulheres lutam pelo acesso à cidadania.

# A questão das mulheres no MST

*Coletivo Nacional de Mulheres do MST*

**Objetivos:** *Elevar o nível de participação das mulheres na luta pela reforma agrária e na sociedade que queremos construir.*

## Introdução:

*“A libertação da humanidade só será possível com a libertação completa da mulher.*

A inexistência de toda exploração e opressão da classe trabalhadora, tem que compreender necessariamente a libertação da mulher, pois a vitória do socialismo e seu desenvolvimento anterior seria impossível sem a participação ativa da mulher.

Marx e Engels se fizeram eco destas idéias e mostraram pela primeira vez que o caminho científico fazia sua realização. Reconhecia a classe operária a única força capaz chamada a libertar a humanidade e, portanto a mulher, de toda exploração e opressão.

Por isso, a igualdade da mulher só se poderá obter quando a classe trabalhadora cumprir sua missão histórica. A questão da mulher se converte assim em um componente de teoria e prática da luta por libertação da classe trabalhadora.

Os fundadores do comunismo científico destacaram energicamente o papel correspondente do trabalho da libertação da mulher. Exigiram a participação da mulher na produção industrial como premissa para a sua independência econômica, como fonte que desenvolve sua personalidade e a vontade em convertê-la em um número ativo da sociedade.

Marx e Engels descobriram causas da exploração e opressão da mulher dentro da sociedade e da família, as raízes da formação da sociedade classista, e desmonstraram que a subordinação política e econômica da mulher adquire no capitalismo dimensões nunca vistas.

A libertação da mulher é uma necessidade da histórica, garantia de sua continuidade, condição de seu triunfo.

Houve um tempo em que a sociedade não era dividida em classes, ou seja, não havia exploração nem exploradores. A comunidade produzia e dividia a produção de uma forma igual entre seus membros.”

*(Augusto Bebel)*